

## E TINHA EDUCAÇÃO NO NORTE GOIANO?

¿Y HABÍA EDUCACIÓN EN EL NORTE DE GOIANO?

AND WAS THERE EDUCATION IN NORTH GOIANO?

### SANTOS, JOCYLÉIA SANTANA DOS

Pós- Doutora em Educação (UEPA). Doutora em História -UFPE, Professora Titular da UFT.

E-mail: [jocyleiasantana@gmail.com](mailto:jocyleiasantana@gmail.com)

#### RESUMO

Este artigo aborda a história da profissão docente no antigo Norte de Goiás, atual Tocantins, com ênfase no papel das mulheres em superar os desafios naturais da região, como o transporte fluvial e a distância dos centros de formação. A pesquisa foi realizada em duas etapas: uma pesquisa bibliográfica em livros regionais sobre a história do Tocantins e uma pesquisa de campo, que incluiu entrevistas com professoras pioneiras. O estudo é uma pesquisa em História da profissão docente, utilizando as entrevistas para obter informações sobre as diversas maneiras como as mulheres foram inseridas na vida escolar da região. As escolas confessionais desempenharam um papel importante na formação docente, onde diferentes saberes pedagógicos foram desenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: : Histórias da Educação, Profissão docente, Tocantins.

#### RESUMEN

Este artículo aborda la historia de la profesión docente en el antiguo Norte de Goiás, hoy Tocantins, con énfasis en el papel de las mujeres en la superación de los desafíos naturales de la región, como el transporte fluvial y la distancia de los centros de formación. La investigación se realizó en dos etapas: una búsqueda bibliográfica en libros regionales sobre la historia de Tocantins y una investigación de campo, que incluyó entrevistas con profesores pioneros. El estudio es una investigación sobre la Historia de la profesión docente, utilizando entrevistas para obtener información sobre las diferentes formas en que las mujeres fueron incluidas en la vida escolar en la región. Las escuelas confesionales jugaron un papel importante en la formación de docentes, donde se desarrollaron diferentes conocimientos pedagógicos

PALABRAS CLAVES: Historias de Educación, Profesión docente, Tocantins.

#### ABSTRACT

Este artigo aborda a história da profissão docente no antigo Norte de Goiás, atual Tocantins, com ênfase no papel das mulheres em superar os desafios naturais da região, como o transporte fluvial e a distância dos centros de formação. A pesquisa foi realizada em duas etapas: uma pesquisa bibliográfica em livros regionais sobre a história do Tocantins e uma pesquisa de campo, que incluiu entrevistas com professoras pioneiras. O estudo é uma pesquisa em História da profissão docente, utilizando as entrevistas para obter informações sobre as diversas maneiras como as mulheres foram inseridas na vida escolar da região. As escolas confessionais desempenharam um papel importante na formação docente, onde diferentes saberes pedagógicos foram desenvolvidos.

KEYWORDS: History of education, Teaching profession, Tocantins.

## INTRODUÇÃO

Este artigo relata as histórias da profissão docente no antigo Norte de Goiás, atual Tocantins. Enfatiza o papel feminino na superação dos desafios naturais da região tais como transporte fluvial, distância dos centros de formação de professores para cursar o magistério e/ou outros cursos de capacitação docente.

Para consecução deste trabalho a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A primeira compreendeu na consulta aos livros regionais sobre história do Tocantins. Em seguida, deu-se a pesquisa de campo, entrevistas com professoras.

Trata-se de uma pesquisa em História da profissão docente utilizando as entrevistas realizadas com as professoras pioneiras no magistério tocantino. Por meio das “ histórias de vida” obtivemos informações sobre as múltiplas práticas de inserção da mulher no cotidiano escolar do antigo norte de Goiás, atual Tocantins. As escolas confessionais foram importantes centros de formação docente onde foram configurados distintos saberes pedagógicos.

As escolas confessionais propiciaram ao sertanejo tocantino a oportunidade de aquisição de conhecimento letrado. Acreditamos que essas novas linguagens ajudaram a perpetuação dos lugares e das funções femininas naquela sociedade. No pedido de prestação de contas dos bens do “estado físico e moral da Órfã Regina Regis de Abreu” fica explícito a educação mais apropriada para a mulher naquele período:

Declarou o tutor esta a predita Órfã com a idade de dozes anos incompletos que permanece em companhia e poder de sua avó paterna, Maria Joaquina Nunes, que esta com natural amor e amizade, por cuja para dar-lhe uma educação que se tem a desejar encluído-a nos dogmas da Santa Religião que professa e nas prendas indispensáveis a economia doméstica análogos ao seu sexo. Que na instrução literária, tem tido Órfã pouca aplicação, nem só por faltar no lugar pessoas habilitas para o ensino como mesmo por não gozar ella perfeita saúde para aprender ou ser achacada de Bronquite, vem a Órfã apresentando boa moralidade e inteligência. **(grafia original)**<sup>i</sup>

Este relato permite-nos compreender a influência dos valores religiosos que permearam os processos educacionais, cultivando no ser feminino a docilidade e a obediência. As formas de controle exercidas sobre a mulher no início do século XX faz-nos entender a relação existente entre as intenções pessoais femininas e as imposições sociais, formando assim um jogo dual entre as intenções individuais e sociais. Essa dualidade é percebida através da aceitação passiva tida como natural. O senso comum social afirma tal dualidade caracterizando a mulher como um ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinado à vida doméstica, aos cuidados do marido e da família.

O magistério como profissão, a educação e o voto foram temas de luta das mulheres ao longo dos séculos, e especialmente no século XX. Neste sentido analisar as histórias docentes significa interpretar o silêncio das mulheres educadoras nos diferentes processos de reinvenção do estado nacional e local. *Histórias da profissão docente no Tocantins* é uma pesquisa centrada na história oral de mulheres nos diferentes processos de reinvenção da história no cotidiano e na sala de aula.

### Contando histórias....

Já era noite quando um grupo de moças da Primeira Igreja Batista de Vitória (ES) atravessou o largo portão que limitava o cais do porto. A conversa era animada, enchendo de notas alegres a semiobscuridade reinante. De longe em longe um poste iluminava fracamente o ambiente.

Ao centro trajando simplesmente, iam duas jovens missionárias que seguiam para o interior pátrio a fim de cumprir sua missão, testemunhar Cristo através da Junta de Missões Nacionais. Beatriz Silva orientava a conversa. Seu primeiro



período de atividades no sertão (antigo Norte de Goiás) a tornava alvo da curiosidade de todos. Uma garota ia ao seu lado, silenciosa, timidamente segurando uma de suas mãos.

Pararam. Ali estava o navio, da linha Itas, com suas lanternas vermelhas prevenindo sua presença. Começaram as despedidas. Abraços, votos de bênçãos incontáveis no serviço... palavras de gratidão.

A garota sensivelmente emocionada abraça a jovem missionária e lhe diz:

\_ Dona Beatriz, eu queria tanto ir trabalhar com a senhora...

\_ Um dia você vai garota. Você ainda precisa estudar mais, se preparar. Um dia você vai...

Era janeiro de 1942.

Somente seis anos depois estas palavras se concretizaram. A garota chegou ao campo missionário e trabalhou dois anos em Carolina (MA), 80 léguas distante de Tocantínia(GO), sede do trabalho de Beatriz Silva. Depois foi trabalhar com a Escola dali. Realmente aqui começa nossa história...(GONÇALVES, 196x).Essa é a história de Margarida, de Beatriz ....de todas as mulheres que foram professoras, sacerdotisas no sertão do Brasil Central Brasileiro, o nortão goiano. Região inóspita, aonde só o barco a motor podia chegar. Rincão onde apenas o lombo do burro podia cortar. Mulheres devotas que seguiam um ideal, o de divulgar sua religião a todos os nortenses que precisassem de fé, de amor e de esperança. Esperança de uma mensagem redentora, de uma escola onde pudesse colocar os filhos para estudar, esperança de futuro melhor.

## Memórias

*Concentremo-nos agora, fechemos os olhos, remontemos o curso do tempo tão longe quanto nos seja possível, tanto quanto nosso pensamento possa se fixar em cenas ou pessoas das quais conservamos a lembrança. (HALBACHS, Maurice.1990)*

A memória dos meus pais foi um dos elementos constitutivos para minha visão histórica. E, mais ainda, pelo contato com uma memória dos tempos de infância, que projeto neste artigo, narrando a trajetória de professoras, mulheres que marcaram a minha juventude: Marcolina Magalhães, Beatriz Silva e Margarida Gonçalves.

Em abril de 1971, a convite da Junta de Missões Nacionais (JMN)<sup>ii</sup>, chegava a Transamazônia (Marabá, PA) o casal José Batista Freitas Santos e Josefa Santana dos Santos, missionários da denominação Batista. O desafio era pregar o Evangelho com recomendações do Secretário Executivo da Convenção Batista Brasileira (CBB) Pastor Samuel Mitt(2001,p.28): “ [...] *Caberá aos irmãos a tarefa de alargar-lhes os horizontes para a visão do mundo necessitado de Cristo*”.

No ano seguinte, a JMN transfere os obreiros para a cidade de Araguatins, norte de Goiás. Um Simpósio de Missões, no Rio de Janeiro apontou o ponto básico da filosofia missionária para o período: a expansão missionária através da evangelização. Dezembro de 1974 foi um marco na história dos batistas. Cento e duas pessoas de todo o país percorreram a Transamazônica, entre Marabá e Itaituba (PA), evangelizando de sítio em sítio. Este método, de evangelismo pessoal foi intitulado Operação Transtotal, sinônimo de Transamazônica, rodovia que corta a região amazônica.

José Batista continua a operação evangelística na Transamazônia na liderança da operação *Transtotal*. As viagens eram constantes. As estradas pareciam trilhas, a guerrilha do Araguaia enfrentava o governo militar e a malária proliferava nos rincões do norte. Contexto difícil para os recém-chegados missionários.

Ao completar cinco anos na missão, fizeram um culto de gratidão, com a presença das autoridades araguatinenses. Josefa integrada na comunidade, participava de encontros com as senhoras da cidade nos cursos de culinária e reuniões da sociedade feminina, na Primeira Igreja Batista de Araguatins<sup>iii</sup>. Como resultado do trabalho realizado por estes missionários foram organizadas três igrejas no Pará, a de Marabá, a da Palestina, e, posteriormente, em 30.07.1978, a de São Domingos do Araguaia. Nesta última conheci Marcolina Magalhães, num dia ensolarado de novembro de 1977. A congregação estava reunida no quintal para comemorar meu aniversário de sete anos, o bolo era de papelão confeccionado pela missionária Gedília e outras companheiras de trabalho, Mirtes e Marta. Bacolina, como era conhecida pelas crianças, distribuía balas, doces e os participantes em volta da mesa cantavam os *Parabéns*.



Como diz Halbachs (1990) “que as lembranças de um grupo religioso lhes sejam lembradas pela visão de certos lugares, localização e disposição dos objetos, não há do que se espantar.”

Este foi o meu contato com a primeira missionária batista do Vale do Tocantins, nomeada pela JMN, em 1932, para a cidade de Porto Franco. Alexandre Silva (1980, p. 24) conta com detalhes sua chegada ao sertão:

Em fevereiro de 1932, fui a Tucuruí, no Pará, receber a primeira professora destinada ao campo Tocantino. Após uma semana de espera, vi, com alegria, chegar esta que viria a se tornar num dos mais queridos nomes para os batistas brasileiros – Marcolina Magalhães. A viagem de volta transcorreu sem incidentes, mas o comandante nos deixou dois quilômetros abaixo de Porto Franco, o que nos forçou a deixar a bagagem oculta no mato a beira do rio e voltar a pé até a cidade. Para D. Marcolina foi uma surpresa agradável encontrar casas de telha e gente “alinhada”. Fiquei contente com a impressão que a cidade lhe causou. Apesar de suas deficiências, o sertão conquista a gente e entristece-me pensar que, ainda hoje, há quem pense que no interior só há cobras, índios e gente ignorante.

Em Porto Franco, Marcolina dirigiu a escola batista com apenas quatorze alunos. Um pequeno começo, mas os alunos se multiplicaram bem como as conversões. A “nova religião,” como era conhecida, a que reunia os protestantes batistas, conquistava adeptos. No final da década de 1940, foi para Carolina, no Maranhão, onde atuou como professora de Evangelismo. Essa localidade tinha o Instituto Teológico Batista, escola de formação de missionários para a região.

Em 1925, o missionário americano Lewis Malen Bratcher realizou a primeira incursão missionária pelos Vales do Tocantins e Araguaia, e sob sua coordenação a atuação da JMN passou a ser orientada por uma filosofia de ação bem definida. Sua grande ênfase foi o interior do Brasil, principalmente o Vale do Tocantins. Entre as realizações deste período, destaca-se a evangelização dos índios, com a nomeação dos missionários Zacarias e Noemi Campello, 1927, e Francisco e Beatriz Collares, em 1929, para a aldeia dos índios Kraôs. (PEREIRA, 1985, p. 173)

Com Bratcher, a JMN teve como meta principal evangelizar o povo que habitava o interior do Brasil, oferecendo uma formação escolar básica para o sertanejo. Com esta filosofia, fundou escolas, dentre elas a de Porto Franco (MA) sob a direção de Marcolina Figueira Magalhães.

A presença crescente de mulheres nas escolas e outros espaços públicos revelavam que a luta por destinos diferentes daqueles até então prescritos para elas, começava a operar mudanças em suas expectativas. A reivindicação por escolas, direito ao voto e outras prerrogativas de cidadania, passou a despertar a atenção de representantes de diferentes segmentos sociais, políticos e religiosos. (PROJETO HISTÓRIA, 1981, p. 48)

Na denominação batista, as missionárias fundavam igrejas, realizavam cultos, faziam trabalhos de evangelismo com crianças e adultos, mas não podiam celebrar a Ceia do Senhor<sup>iv</sup> e batismos. Foram ‘quase pastoras’ embora não lhes fosse outorgado este título.

Por razões diversas, a Igreja restringiu severamente até o fim da era primitiva a esfera da ação feminina (...) Os principais reformadores pouco fizeram para modificar a situação, a despeito do exemplo dos Valdenses (século XII); mas os /amigos (Quacres), do século XVII, prestigiaram os ministérios femininos. As igrejas protestantes no Brasil herdaram, em geral, a atitude dos reformadores, particularmente quanto à pregação e a ordenação para o ministério pastoral. (Reily, 1993, p. 383)

Neste contexto, a emancipação feminina se dará por meio da profissionalização da profissão docente, tão útil e necessária ao sertão do norte de Goiás. Dispondo de conhecimento interdisciplinar, as missionárias desempenharam funções de evangelistas, ou seja, sacerdotisas em primeiro lugar, mas atuavam em áreas afins como professoras, enfermeiras, conselheiras e legisladoras. Para reforçar o trabalho nesta região, foram designadas mais duas obreiras para ensinar os princípios batistas e dirigir escolas, no ano de 1936: Beatriz Rodrigues da Silva, em Piabanha, atual Tocantínia (TO) e Lígia de Castro, em Carolina (MA).



Conheci Beatriz Silva nas Convenções Batistas Estaduais<sup>v</sup> onde ela estava sempre presente com seu instrumento musical, um órgão portátil, de onde se ouvia a melodia dos hinos do Cantor Cristão. Compôs vários hinos, inclusive o do I Congresso da Mocidade Batista do Tocantins (COMBATO), realizado em 1975, na cidade de Tocantínia. Originária do Rio de Janeiro, a vocacionada se destinou a Piabanha, numa viagem de 33 dias. A futura Tocantínia, que foi elevada a categoria de município em 1953, às margens do Tocantins, tinha uma rua com casa de tijolo e telhado branco. Mesmo numa localidade com dificuldades de infraestrutura, o intuito era iniciar a evangelização através da Escola Batista.

Margarida Lemos Gonçalves narra a trajetória de Beatriz com uma reverência, dedicada à amiga e companheira de trabalho:

Os pais de Beatriz enviaram uma carta para JMN falando do anseio missionário de sua filha quando ela tinha 26 anos. Nesse período foi morar na casa de L. M. Bratcher e estudar na Casa de Obreiras na rua Conde Bonfim. Saiu do Rio de Janeiro no dia 2 de janeiro de 1936 e chegou a Vila Piabanha no dia 28 de janeiro. Não havia linhas aéreas para esta região. O transporte era o barco. Em Piabanha encontrou Pr. Zacarias Campelo e sua esposa Orfisa Campelo. Morou num quatinho com esses irmãos. (GONÇALVES, 2002)

A escola batista surgiu tanto da reivindicação de alguns moradores como também da ausência de entidades de ensino. Oscar Sardinha vendeu um imóvel para Beatriz visando ter uma professora para o ensino dos filhos. A dívida seria amortizada à medida que os alunos quitavam as mensalidades. A escola tornou-se um núcleo de propagação do evangelho cristão. Para melhorar a docência, a União Feminina Batista do Brasil<sup>vi</sup>, doou a importância de vinte mil réis.

Conforme cadernos de diários da época, havia no primeiro dia de aula 28 alunos. Concomitantemente com a prática docente, Beatriz iniciou visitas às aldeias xerentes e a cidade de Bela Vista, atualmente Miracema.

Gonçalves (2002) enfatiza a importância político-social e religiosa da instituição educacional ao afirmar que:

Algumas lideranças políticas estaduais estudaram no Colégio Batista de Tocantínia. Beatriz foi Secretária Executiva da Convenção Batista do Médio Tocantins. No período em que existiam duas convenções batistas: uma em Tocantínia e outra em Carolina. O motivo da divisão foi a distância geográfica e a dificuldades de transporte. Para chegar a Tocantinópolis demorava-se 5 dias. Os batistas já denominavam esta região de vale do Tocantins antes do acirramento da luta separatista na década de 1950.

## Silêncio

Desde os primórdios da história do Brasil colonial é possível detectar o processo de aprisionamento pelo qual passaram as mulheres. No antigo norte de Goiás, a condição feminina que então se organizava às margens do Tocantins, herdava este espólio de tradições, ou seja, a falta de uma cultura letrada. Tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como as negras escravas e as indígenas não tinham acesso à arte de ler e escrever. As letras representavam a adesão à cultura portuguesa. Os letrados tinham a função de resguardar os valores da sociedade lusitana. As vozes femininas só deveriam ser ouvidas no ambiente familiar da casa e no território da maternidade, a procriação.

Os dominicanos chegaram a Porto Nacional, cidade do norte goiano, em 30 de agosto de 1904, com um educandário particular, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Viajando em batelão<sup>vii</sup>, a escritora, Adozinha, ao lado do tio, padre e deputado, Carvílio Luso, recorda que no dia 06 de julho de 1905 saiu do porto de Carolina para Porto Nacional, onde foi internar-se como aluna do supracitado colégio, permanecendo até 1912, ano em que foi diplomada professora.

Otávio Barros enfatiza que no início do século XX, Porto Nacional e Carolina transformaram-se em centros irradiadores de saber para a juventude tocantina: “o desenvolvimento intelectual de Porto Nacional veio com a missão religiosa dos dominicanos franceses, que souberam adubar aquela cidade, transformando-a em foco irradiador da cultura humanística”. (SILVA, 1996, p.128)

O portuense Francisco Ayres da Silva concluiu o curso de Medicina no Rio de Janeiro e logo em seguida foi nomeado instrutor público, em 1904. Cinco anos depois, ou seja, em 1909, o governo do Sul de Goiás resolveu extinguir as escolas públicas de Porto e Paranã. (SILVA, 1996, p.129)



## Práticas: críveis e memoráveis

A ausência de hospitais e instituições sociais proporcionaram a atuação dos batistas na assistência social. A liderança feminina foi necessária para dar soluções à vida cotidiana das mulheres sertanejas. Em 1938, foram solicitados os dispensários médicos, ambulatórios que atendiam a população. Para assumir o setor de enfermagem, foi designada a missionária Sarah Cavalcante que atuou em Pedro Afonso (GO).

Com a necessidade de novas metas no trabalho de evangelização, criaram os Institutos de Treinamento de Obreiros, buscando dar melhor capacitação teológica para os missionários. Em 4 de abril de 1944, foi criado o Instituto Teológico Batista de Carolina (MA), melhorando a formação educacional e religiosa no sertão.

O trabalho missionário feminino estava consolidado. Em 4 de novembro de 1948, é enviada ao norte a missionária Margarida Lemos Gonçalves. Ela relata sua impressão sobre o sertão:

Deixei minha cidade Rio de Janeiro, meus pais, meus amigos e minha igreja e fui para São Paulo. E de lá para Carolina no Maranhão. Peguei o Trem da Central do Brasil e pela manhã estava em São Paulo. Fomos no avião da Pan air, um DC3 que sacudia muito, para Carolina. Achei bonito o Tocantins. Era novembro época de chuva. Morei com uma obreira muito operosa Percides de Freitas, sobrinha de D. Aída de Freitas. Ali comecei meu trabalho junto ao Instituto Batista de Carolina. Uma das minhas companheiras era Marcolina Magalhães, professora de Evangelismo do Instituto. (GONÇALVES, 2002)

Margarida e Beatriz realizaram inúmeras viagens a cavalo, visitando aldeias e atendendo sempre que possível às necessidades materiais e imateriais (espirituais) dos convertidos. Para estas viagens, levavam carne de sol, farinha, açúcar e café. O deslumbramento pelo rio Tocantins e a cultura local é uma característica presente na entrevista. Margarida enfatizava que a comida sertaneja era saborosa, o piqui se tornou prato predileto.

Na versão de Margarida elas foram definindo estratégias para as visitas para melhor divulgação do evangelho:

As mulheres eram muito carentes, dávamos aconselhamento para casais, orientações para criar filhos. Fizemos até um parto. E assim nós atuávamos como enfermeiras práticas. Para os tocantinos éramos muito sabidas. Pois só nós tínhamos o nível de segundo grau e o curso teológico. (GONÇALVES, 2002)

Com a morte de Bratcher, em 1953, assumiu interinamente a JMN a missionária Letha Myrtle Saunders, primeira mulher a desempenhar esta função na Convenção Batista Brasileira. As escolas e outras instituições sociais foram mantidas por projetos de fazendas para o seu sustento.

Em 1960, a Junta de Missões Nacionais foi reconhecida como utilidade pública pelo Governo Federal. Com a ênfase do governo em assumir a educação, e as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/71, sobre o ensino no território brasileiro, a Convenção Batista Brasileira aprovou a decisão da Junta de manter algumas escolas, transferir outras para igrejas que assim quisessem, ou grupos de pessoas, e fechar as demais.

## Vozes do ensino

O movimento de 1930 foi interpretado durante muito tempo como a tomada de poder por um grupo social específico, a burguesia industrial. Hoje, os autores concordam em considerá-lo como um movimento heterogêneo do ponto de vista de suas bases sociais e de suas aspirações. Da parte dos revolucionários havia um inimigo comum, as estruturas “carcomidas” mantidas pela oligarquia cafeicultora da Primeira República. (HILSDORF, 2003, p. 92).

Maximiano da Mata Teixeira relata o cotidiano escolar neste período, segundo o cronista o grupo escolar foi invenção da Revolução de 30. Para enfrentar as despesas, o Estado criou a taxa escolar. Só havia a escola primária. Uma para cada sexo:



Aos oito anos incompletos comecei a freqüentar a Escola Primária. Na hora da tabuada, os alunos em fila, com os mais sabidos castigando os mais atrasados, na palmatória. Outro castigo era obrigar o aluno a desfilar de quatro, em frente dos colegas, com o aluno mais inteligente escanchando em seu lombo, enquanto um terceiro, agitando um bernal com milho, humilhava o aluno faltos: “ Toma! Toma. [...] As mulheres exerciam suas atividades no lar. Minha avó, Ana Emília, que veio corrida da seca no Ceará, era uma artista no manejo dos bilros em sua almofada de rendas. (SILVA, 1996, p.129)

O escritor Osvaldo Pova, tocantinense do Duro, hoje Dianópolis, analisa a educação humanística na formação da sociedade tocantina:

Desde o Brasil Colônia, o progresso da cultura encontrou obstáculos de toda natureza. Era comum os próprios pais levantarem objeções à educação das filhas, que deviam permanecer analfabetas....Os professores eram autodidatas e possuíam uma pequena biblioteca, onde os livros de Leis ocupavam posição de destaque.(*Ibidem, Op.cit*)

As mulheres construíram “vozes no ensino” no norte de Goiás. Marcolina foi considerada a pioneira no setor de nomeação para função de missionária. Beatriz assumiu como Secretária Executiva no período de divisão das Convenções Batistas, na década de 1960. Margarida atuou como diretora do Colégio Batista de Palmas, sendo líder influente na sociedade tocantina.

Convém destacar, porém, que outras professoras colaboraram na implantação de escolas batistas no antigo norte de Goiás, atual Tocantins, como Dilene Nascimento Rodrigues, Dinalva Queiroz, Tilda Evaristo, Lívia Klawa, Jamim Peixoto, Lúcia Margarida, Dudu Costa, Vanda Braidotti Krieger, Eunice e Zezita Cunha. Algumas tiveram funções de diretoras, professoras, evangelistas, enfermeiras, musicistas, tradutoras e, sobretudo, plantando igrejas, mantendo laços de solidariedade com a comunidade e sistematizando o trabalho de evangelização.

Reconstruindo parte da memória dos meus antepassados, da minha própria história, trouxe também à lembrança, a importância religiosa e cultural destas professoras vinda de regiões diferentes do país, que deixaram centros urbanos desenvolvidos por uma região inóspita do Brasil, onde a vida era e ainda é castigada pela pobreza. Essas mulheres souberam construir histórias e deixaram para a minha própria história e para a história da região práticas críveis memoráveis.

O magistério como profissão, a educação e o voto foram temas de luta das mulheres ao longo dos séculos, e especialmente no século XX. Neste sentido analisar estas histórias docentes significou interpretar o silêncio para compreender as vozes que emergem. O estudo centrou-se na história oral de mulheres nos diferentes processos de reinvenção da história no cotidiano e na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. Souza (Org). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU.2002.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994

GONÇALVES, Margarida Lemos. *Entrevista concedida a Jocyleia Santana dos Santos. Palmas (TO)*, 20. jul. 2002

\_\_\_\_\_ ) *A que faz feliz*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista.1962

HALBACHS, M.. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/RT.1990

HILSDORF, Ma L. Spedo) *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003

KARNAL, Leandro. (org) *Histórias na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto.2003

MATHIAS, M. *Mais que um desafio*. Rio de Janeiro: Juerp, 1982.



- MONTENEGRO, A. T *História oral e memória: cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto.1994
- MITT, S) *A Pátria para Cristo*. (S.1.:s.n.).2001
- PROJETO HISTÓRIA*: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo.1981
- PARENTE, Temis Gomes. *O Averso do silêncio: vivências cotidianas das mulheres do século XIX*. Goiânia: Editora UFG. 2005
- PEREIRA, J.R) *História dos Batistas no Brasil: 1822-1982*. Rio de Janeiro: Juerp.1985
- REILY, D. A. *História Documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- SANTOS, J.S; OLIVEIRA, J.S.S.M ;FREITAS,J.B.; SANTANA,F. S.*História da Educação em instituições escolares confessionais no Tocantins (1871-2003)*. In: SANTOS, Jocyléia Santana; CARRIJO, Orlanda Melo; CABRERA, Olga(orgs) *Instituições Educativas: histórias reconstruídas*. Goiânia: Ed. Da PUC de Goiás. P. 81-100.2010.
- SILVA, A. *Evocações*. Rio de Janeiro: Juerp.1980
- SILVA, Otávio Barros. *Breve História do Tocantins e de sua gente: uma luta secular*. ARN/BSB: FIETO/ Solo Editores. 1996

## NOTAS

<sup>i</sup> PARENTE, Temis Gomes. *O Averso do silêncio (vivências cotidianas das mulheres do século XIX)*. Goiânia: Editora UFG, 2005. p. 74.

<sup>ii</sup> A abreviatura JMN será utilizada ao longo do texto.

<sup>iii</sup> No dia 22 de abril de 1927 foi organizada a primeira Igreja Batista do norte de Goiás (denominado pelos batistas como Vale do Tocantins) em Araguatins com cinco membros: Maria Pimentel, Feliciano Silva, Maria Borges de Arruda, Euridice e Pastor Alexandre G. Silva.

<sup>iv</sup> Ceia ou Ceia do Senhor são os nomes usados para a cerimônia instituída por Cristo quando estava, por poucas horas, neste mundo com os discípulos (I Cor 11,24). Como o batismo, a ceia é uma ordenação, não tem valor sacramental (Mt 28.19)

<sup>v</sup> Os batistas brasileiros organizaram, no dia 22 de junho de 1907, na Bahia, a Convenção Batista Brasileira, cuja finalidade é, de acordo com o Art. 3. Do Estatuto, “coordenar o trabalho geral das igrejas batistas que com ela cooperam, buscando desenvolver a obra da evangelização no país e fora dele, a beneficência, a educação e a literatura cristã”. A convenção não legisla para as igrejas. Não é um órgão hierárquico controlador, pois, consoante o Parágrafo Único do Art. 3. “a Convenção Batista Brasileira não exerce nenhum poder jurisdicional ou legislativo sobre as igrejas; apenas dirige os trabalhos que mantêm e recomenda as igrejas à maneira pela qual poderão cooperar com esses trabalhos.

<sup>vi</sup> Órgão da Convenção Batista Brasileira fundado em 1908 com a denominação de União Missionária das Senhoras Batista do Brasil. Em 1963 passou a chamar-se de União Feminina Missionária Batista do Brasil abrangendo senhoras, moças e meninas

<sup>vii</sup> Barco de madeira, com motor de popa

